

MULHERES OUTSIDERS: FORMAÇÃO DISCURSIVA SOBRE O USO DO TERMO DESFEMINILIDADE EM SITES DA INTERNET

OUTSIDER WOMEN: DISCURSIVE FORMATION ON THE USE OF THE TERM DEFEMINITY ON WEBSITES

DOI: 10.16891/2317-434X.v14.e1.a2026.id2806

Recebido em: 25.02.2025 | Aceito em: 27.02.2026

Maria Eduarda Baesse de Sousa^a, Vitor Hugo Oliveira^{a*}

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Uberaba – MG, Brasil^a

***E-mail: vitor.oliveira@uftm.edu.br**

RESUMO

A presente pesquisa analisou as formações discursivas acerca do termo “desfem”, por meio da captação de notícias e reportagens em sites da internet nos últimos cinco anos. Para que seja possível deter noções sobre o processo de construção das pessoas que se identificam com o termo, e também as possíveis violências de gênero sofridas, dado que são mulheres que performam a não feminilidade culturalmente normalizada pelo padrão imposto na sociedade. Serão analisadas também as perspectivas sobre múltiplas formas de feminilidade e sobre o que perpassa ou não características consideradas femininas, e os preconceitos advindos. Outra estratégia é analisar como as questões sobre a identidade são construídas, considerando a pluralidade de concepções acerca das temáticas de corpo, sexo e gênero estudado por teóricos contemporâneos sobre gênero e sexualidade. Assim, também serão analisadas as formações discursivas do termo “desfem” na internet.

Palavras-chave: Sexualidade; Gênero; Feminilidade.

ABSTRACT

This study analyzes the discursive formations surrounding the term “desfem” based on news articles and reports published on websites over the last five years. The objective is to examine the processes of identity construction among individuals who identify with this term, as well as the forms of gender-based violence to which they may be subjected, considering that they are women whose performances of non-femininity deviate from socially normalized standards of femininity. Furthermore, the research explores different perspectives on the plurality of femininities, questioning the socially constructed boundaries that define what is recognized as feminine and what is perceived as a deviation from such norms, as well as the prejudices that arise from these classifications. The study also engages with contemporary theoretical discussions on body, sex, and gender in order to analyze how identity is discursively produced and negotiated. In this context, particular attention is given to the ways in which the term “desfem” is constructed, circulated, and contested in online environments.

Keywords: Sexuality; Gender; Femininity.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault (2014) descreveu o surgimento de estratégias de controle populacional no século XVIII como uma técnica de biopoder. Este caracteriza-se, segundo o autor, por intervenções do Estado como operadores de poder para controle de processos biológicos, por exemplo, na saúde dos indivíduos. Cabe destacar aqui que, para ele, o poder pode ser compreendido como “a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (Foucault, 2014, p. 88).

Nesse sentido, a sexualidade caracteriza-se como um dispositivo de poder. Ao pensar no conceito de multiplicidade, pode ser referenciado que Foucault não considera que exista um domínio da sexualidade que pertença por direito a um campo de conhecimento científico, mas ao contrário, foram as exigências de poderes econômicos e ideológicos que desencadearam mecanismos normatizantes (Foucault, 2014).

A história da sexualidade portanto tange a forma como os indivíduos percebem-se e descrevem sobre a sexualidade, pela forma como os indivíduos percebem-se através das normas sexuais compartilhadas. Nesse sentido, “a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos nosso corpo” (Louro, 2018). Assim, os processos discursivos são parte do controle sobre os indivíduos, por meio da produção das possibilidades de corpos passíveis de serem vividos, diante do mecanismo da sexualidade (Furtado & Camilo, 2016).

Visto pela ótica da repressão, o dispositivo da sexualidade atua como uma norma “que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (Foucault, 1999, p. 302). A disciplina passa a ser vista como uma regulamentação para garantia de vida, dando origem ao que Foucault nomeia de sociedade de normalização (Pogrebinschi, 2004). Juntamente à sexualidade como conjunto geral de práticas, saberes e normas, pode-se considerar a dimensão do gênero enquanto “elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 86), tendo por base as diferenças percebidas entre os sexos. Cabe ainda ressaltar que o poder não se manifesta única e principalmente por um viés repressivo, mas que se

apresenta sobretudo de modo positivo. No século XIX, há um considerável desenvolvimento de discursos que visam compreender e definir as linhas entre normalidade e patologia no campo da sexualidade, o que ele define como *scientia sexualis* (Foucault, 2014). É nesse campo do saber que se materializa no corpus pela violência sofrida por mulheres que não compactuam com a heteronormatividade imposta em sociedade em suas expressões de gênero.

Dessa maneira, pode ser pensado a binaridade de gênero como dispositivo de controle, que torna a multiplicidade de expressões sexuais e de gênero fora dela subversiva. Assim, práticas regulatórias tentam padronizar a identidade de gênero devido à matriz heterossexual (Butler, 2021).

Sexo e gênero são considerados por Butler construções performáticas, visto que as noções de masculinidade e feminilidade são constituídas através da iteração social de práticas, comportamentos e discursos que dão realidade a tais distinções em cada contexto social. No caso do Ocidente, permeado pela estrutura binária da sexualidade, essas estruturas restritivas respondem a matriz heterossexual (Butler, 2021). Assim, o gênero torna-se análogo a um ato passível de cisões da norma social estabelecida (Butler, 2021).

A autora ainda pressupõe que a teoria feminista esteja ainda permeada de um conceito de identidade definida, um significado e uma compreensão unívocos do que é ser Mulher. A autora pontua que definições como essa podem ser categóricas para a política, principalmente para uma política feminista, pois “os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que não aparecem, uma vez estabelecidas a estrutura jurídica política” (Butler, 2021, p. 16). Nesse sentido, a permanência de discursos identitários podem manter a estrutura lógica de gênero que representa as formas sociais dominantes de poder, desconsiderando, portanto, as diversas formas de existência possíveis à feminilidade.

Cabe olhar, portanto, para as performances de feminilidade que fogem às normas sociais compulsórias do feminino. Despentes (2016) narra a vivência de mulheres, no plural, que questionam o olhar de homens com discursos dominantes, por exemplo, ao dizê-las o que convém a ser feito ou não. Nesta obra, ela apresenta múltiplas perspectivas sobre as diversas formas de

feminilidade e sobre o que perpassa ou não características consideradas femininas e masculinas pela sociedade, e os preconceitos advindos.

Na atualidade brasileira, há a propagação na internet do termo *desfem*, abreviação de “desfeminilidade”, que indicam mulheres que não performam a feminilidade imposta na sociedade, opondo-se aos requisitos visuais e comportamentais para ser considerada mulher (aparência, vestimenta, gestos, entre outros). Desse modo, análogo ao que Judith Butler (2018) fala sobre a reformulação da materialidade, é importante pensar como uma norma corporal é assumida. Nesse sentido, compreende-se “o entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ela ou ele nomeia, mas, em vez disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos” (Butler *apud* Louro, 2018). Dessa forma, mulheres *desfems* são aquelas vão de encontro às normas de feminilidade, vistas como estereótipos a serem superados.

Considerando a pluralidade de concepções acerca das temáticas do corpo, sexo e gênero, é importante e se faz necessário o recorte e estudo sobre o termo *desfem*. Enquanto uma categoria surgida no contexto das relações virtuais de gênero, sua compreensão permite o aprofundamento sobre as relações de saberes e as forças dominantes que atravessam tais discursos, e a prática performativa que tais mulheres reiteram no seu questionamento das iniquidades de gênero. A presente pesquisa se justifica pela escassez de estudos sobre o termo “desfeminilidade” ou *desfem*. Ao realizar uma busca nas principais bases de dados no país, como a SciELO Brasil, percebe-se a escassez de materiais que discutem a perspectiva de mulheres *desfem*, ainda mais relacionadas com análises de teóricas em estudos sobre feminilidade. Quando se pesquisa o conceito de “*desfem*” e “não feminilidade” na SciELO Brasil não são encontrados resultados.

Análogo ao que Foucault compreende sobre os processos discursivos no primeiro tomo de *História da Sexualidade* (2014), a diversificação dos discursos e por onde eles são emitidos são importantes para analisar a complexidade que os une. Assim, compreende-se a importância dessa pesquisa por seu impacto na forma como os discursos feministas são iterados e assimilados pela população, a partir de sua presença na rede.

Deve-se ressaltar ainda a influência das primeiras experiências de vitimização de jovens LGBTQIAPN+ e como podem afetar o funcionamento psicológico em seu futuro (Birkett *et al*, 2015, *apud* Souza; Cardoso; Oliveira; Nascimento *et al.*, 2021). Assim, vale ressaltar a lesfobia – preconceito contra mulheres homossexuais – visto que elas são submetidas à intersecção de duas categorias subalternizadas: ser mulher e ser homossexual. Assim, há a potencialidade do sofrimento e do preconceito pelo gênero e pela orientação sexual (Borrillo, 2015 *apud* Souza; Cardoso; Oliveira; Nascimento *et al*, 2021). Dessa forma, quando lésbicas questionam as normativas sociais de expressão e orientação de gênero, por exemplo, através da reivindicação por direitos políticos igualitários, as ações preconceituosas em relação a elas e sua expressão de gênero tem um elevado aumento significativo (Cárdenas *et al.*, 2018 *apud*, Souza; Cardoso; Oliveira; Nascimento *et al.*, 2021).

Outro fator importante são as motivações para a realização deste estudo, relacionadas à importância de discutir em meios acadêmicos pautas e estudos teóricos de como se constitui a relação de mulheres que não propagam a feminilidade culturalmente normatizada pelo patriarcado. Sendo assim, entende-se que a possível validação do termo *desfem* em contextos de estudos acadêmicos se faz necessário para contribuir com a propagação desse conceito no meio.

OBJETIVO

Geral

Descrever as formações discursivas que atravessam a construção da noção de desfeminilidade em sites da internet.

Específicos

Analisar possíveis relações entre o uso discursivo da noção de desfeminilidade com as teorias de gênero; compreender as narrativas subjetivas da violência de expressão de gêneros não condizentes com o padrão estabelecido pela sociedade; averiguar os sentidos ideológicos que os termos “*desfem*” e “desfeminilidade” assumem nas discussões contemporâneas e estudos sobre identidade e expressão de gênero.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se desenvolverá a partir do norteador teórico da Análise do Discurso de linha francesa (Orlandi, 2015). Compreende-se aqui que a produção de enunciados articula-se ao processo sócio-histórico demarcado por determinadas formações ideológicas. Pretende-se utilizar um método que permita compreender quais as formações discursivas atuam na produção dos discursos sobre a desfeminilidade, no contexto da internet. A formação discursiva é o que permite estabelecer o funcionamento do discurso, a partir das possíveis regularidades que o permeiam (Orlandi, 2015).

Parte-se da ideia de que os discursos sobre a desfeminilidade, em sua materialidade, permitem captar os efeitos de sentido produzidos por sua pertinência a determinadas formações discursivas. Tais efeitos podem ser analisados a partir das escolhas parafrásicas realizadas (Orlandi, 2015) no texto, que denunciam suas condições de produção. Quando se realiza a passagem do objeto discursivo para o processo discursivo, identificam-se os elementos que compõem o dispositivo analítico: metáfora, polissemia, paráfrase, interdiscurso e a negação (Lima; Vieira; Gomes; Silveira, 2017). Vale ressaltar o interdiscurso enquanto memória constitutiva, presente na formação discursiva, pois é nele que se encontra o já dito socialmente, isto é, a relação entre diferentes formações discursivas (Orlandi, 2015). Assume-se que o sujeito se constitui pela inscrição em uma determinada forma discursiva, por identificação com as posições de sujeito ali definidas (Orlandi, 2015). Dessa forma, não há discurso sem sujeito, pois os sentidos na linguagem são determinados pela história deste (Orlandi, 2015).

Se faz necessário nesse estudo a compreensão da interpretação presente no objeto simbólico delineado, buscando descrever os efeitos da interpretação (Orlandi, 2015). Nesse sentido, define-se que as proposições não tem um sentido nelas mesmas, estes derivam de acordo com a posição do sujeito em uma formação discursiva (Orlandi, 2015).

Visto isso, esta pesquisa irá realizar a construção do corpus de análise por critérios teóricos, focando-se em textos do gênero informativo, definidos enquanto relatos de fatos presentes ou passados socialmente significativos (Beltrão, 1980, p. 29, *apud* Ferreira, 2012). Essa escolha justifica-se, pois, são textos que pretendem assumir uma

certa “neutralidade discursiva”, por meio de notícias, reportagens ou entrevistas. Desse modo, os critérios de escolha dos textos serão: textos postados da internet com publicação de até 5 anos, que contenham na temática principal as palavras-chaves “*desfem*” “desfeminilidade” e “não feminilidade”, em sites que contenham notícias, reportagens e/ou entrevistas próximos ao gênero discursivo informativo. Os critérios de exclusão abarcaram textos que não continham em seu conteúdo a temática de expressão de gênero, mais especificamente sobre mulheres *desfems*, e que que tratavam majoritariamente sobre outros assuntos como orientação sexual e associados. Os textos foram buscados por meio de navegadores de pesquisa online, sendo selecionados os que concerniam com a temática proposta e que estavam no topo das buscas do algoritmo, garantindo que estes tivessem grandes índices de visualização.

A partir da composição do *corpus*, será realizada uma análise prévia da materialidade linguística e da estrutura enunciativa: o que se diz, quem diz, e em que circunstâncias. Assim será verificado as estruturas significantes presentes no processo de enunciação, separando-se trechos pertinentes à discussão. Após a construção do corpus, será constituído o objeto discursivo, que se trata da relação entre os diversos discursos e suas possibilidades parafrásicas, indicando as diferentes condições afetadas por memórias discursivas diferentes (Orlandi, 2015).

Para embasar a genealogia de tais discursos em suas respectivas formações discursivas, o trabalho recorrerá ao diálogo teórico com os conceitos de identidade de gênero, expressão de gênero e sexualidade, em específico a partir de Judith Butler, Michel Foucault e Virginie Despentes. Isso permitirá defrontar-se com a necessidade de reconhecer, na materialidade discursiva vestígios dos processos de significação (Orlandi, 2015, p.89).

Assim, pretende-se descobrir, a partir da identificação das formações discursivas, como um determinado “objeto” discursivo - o termo *desfem* - produz sentidos dentro do campo no qual ele está implicado. Como auxílio no delineamento dos sentidos construídos sobre o termo, recorrer-se-á a proposta de Baggio (2020), que define um modelo teórico-metodológico baseado no quadrado semiótico proposto por Greimas e Rastier para compreender as relações de significação subsumidas ao

termo “desfeminilidade”. Segundo a autora, esse recurso possibilita compreender as diversas estruturas que, a cada contexto sócio-histórico, produz determinados sentidos, implicados em um texto específico. É necessário, entretanto, uma ressalva no que tange a utilização da lógica binária inerente à estrutura semântica definida por essa perspectiva estrutural (Nöth, & Santaella, 2017), tendo em vista que ela entra em conflito com o questionamento estabelecido por Butler acerca das definições de gênero (2021). A matriz heterossexual, ao conectar de modo unívoco sexo, gênero e orientação heterossexual em sua divisão binária, torna tais categorias substituíveis entre si, o que pode levar a confusão entre os termos “homem” e “masculino” e “mulher” e “feminino”.

Segundo Baggio (2020), pode-se compreender os termos “masculino” e “feminino” como elementos significantes que articulam as diversas expressões de gênero, tanto as socialmente aceitas quanto as divergentes. Nesse sentido, no ocidente, toda expressão de gênero acaba por fazer referência à tais elementos na produção de sentido de suas vivências sexuais, expressões de gênero e formação de identidades. Isso nos permite utilizar o quadrado semiótico como instrumento para explorar a

forma como os discursos do *corpus* constroem os sentidos de desfeminilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para designar as formações discursivas, primeiro devem ser mencionados as formas de agrupamento e unidades históricas nas quais se inserem e que os constituem, permitindo a construção de métodos para descrever sua constituição (Foucault, 2010). Então, a análise das formações discursivas centra-se na descrição destes enunciados em sua especificidade e na intenção de estabelecer as possibilidades discursivas.

Ao descrever diante de um certo número de enunciados os conceitos, as escolhas temáticas, correlações e transformações, chegaremos à formação discursiva (Foucault, 2010). Na tabela a seguir (TABELA 1) são apresentados sucintamente aos títulos dos textos separados para a composição do corpus delimitados nesta pesquisa. A escolha dos textos se baseiam na apresentação das palavras chaves selecionadas na pesquisa, presentes no título do texto informativo.

Tabela 1. Título dos textos que compõem o corpus de análise.

A	O ódio a corpos Femininos não-Feminilizados no contexto do Neoliberalismo Sexual contemporâneo (Memória, 2021).
B	O aprisionamento social das lésbicas desfeminilizadas. Violências que mulheres sofrem por rejeitar a feminilidade padrão (Palma, 2023).
C	Não feminilidade não me faz menos mulher (Silva, 2019).
D	Pareço homem para você? (Guimarães, 2021).
E	Ser uma lésbica desfeminilizada é ser odiada por todos os lados, e eu estou exausta (Ella, 2020).
F	Eu não sou masculina! Termos preconceituosos que só reforçam a lesbomisoginia (Santos, 2023).
G	Como o efeito da (des)feminilidade nos atinge (Vale, 2022).
H	O tabu da rejeição às normas de beleza – um elogio às desfeminilizadas (Gouveia, 2020).
I	A realidade da lésbica desfem no mercado de trabalho (Santos, 2023).

Nos textos delimitados, não houve falas referentes a mulheres trans desfem; apenas no quarto texto a autora identifica-se como mulher cisgênero. Em sua maioria,

percebe-se que os textos partem da posição de mulheres cisgênero lésbicas, e focam-se em discutir o preconceito sofrido por mulheres *desfem* e a luta pela legitimidade da

performance. Como observado no texto B: “a *desfem* não ganha flores, não é cuidada quando adoece, não é tratada com doçura e sofre a pressão heteronormativa para só se relacionar com meninas extremamente ‘femininas’”. O trecho demonstra como que, no seio da comunidade homossexual feminina ainda habita uma oposição de gênero, entre mulheres femininas e masculinas.

O *corpus* selecionado discorre sobre três temáticas básicas: constroem uma definição da desfeminilidade, seja em linguagem coloquial ou com base nos estudos de gênero; abordam uma relação entre a desfeminilidade e a lesbiandade, com constante uso de termos que mostram essa intersecção (como “sapatão”, “caminhoneira”); e apontam os preconceitos sofridos pelas mulheres *desfem* no contexto social, seja no geral, seja do ponto de vista pessoal. A análise dos enunciados será realizada portanto tendo tais temas como eixos que permitem a construção das relações parafrásicas, permitindo acessar as formações discursivas que constituem os sentidos dos discursos selecionados.

Parte-se aqui do ponto de vista da relação paralela com múltiplas articulações possíveis entre as categorias sexo, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual. Em dado contexto sócio-cultural, as estratégias de poder articulam tais categorias em normativas de sexualidade e de gênero, compondo um conjunto de posicionamentos subjetivos possíveis dentro das normas sociais; entretanto, criam-se também ali as possibilidades de posicionamentos divergentes à norma (Butler, 2021). No que tange ao gênero, pode-se dizer que a categoria de identidade estaria implicada como efeito atrelado à expressão de gênero de modo que, à letra butleriana, ela se constitui como um efeito do discurso social. Mesmo a categoria de sexo estaria subsumida às interpretações sociais que a articula às performances de gênero (Baggio, 2020).

Compreende-se aqui que o termo “desfeminilidade” é constantemente referido enquanto uma categoria de expressão de gênero, tendo em vista que sua definição inclui exemplo de vestimentas e aparência física:

Geralmente não gosta de usar saia, maquiagem, salto alto, unhas compridas, entre outros aspectos que nos fazem ser lidas como mulheres. A desfeminilidade, portanto, é uma expressão de

gênero, é a forma com que a mulher se sente bem em se colocar no mundo, nesse caso, com roupas largas, tênis, boné, cabelo curto etc (texto B).

O enunciado acima define a performance desfeminina primeiramente pela negação do que seria significante da expressão feminina (*desfem* como não gostar de usar saia, salto, etc.), e somente depois aponta para significantes que seriam positivamente indicadores dessa forma de expressão (roupas largas, tênis, boné, cabelo curto, etc.). Essa postura se mantém constante em todos os materiais do *corpus*, tendo em vista que o prefixo latino *des-* indica então a negação do feminino. Entretanto, ressalta-se que os textos especificam que essa ação de negar, própria à performance desfeminina, se faz em relação à norma social de gênero:

Esse ser “*desfem*” pode ser explicado como todo aquele trejeito que foge a norma da feminilidade, que é imposta pela sociedade, como o cabelo grande, roupas socialmente consideradas femininas e aspectos semelhantes (Texto G, grifos nossos).

Ao que tange a performance de mulheres *desfem*, é possível ressaltar sua posição ambígua enquanto questionadora e mantenedora do gênero em sua estrutura binária. Percebe-se que os textos do *corpus* se preocupam em distinguir os termos “desfeminilidade” e “masculinidade”, como pode ser visto neste trecho do texto F:

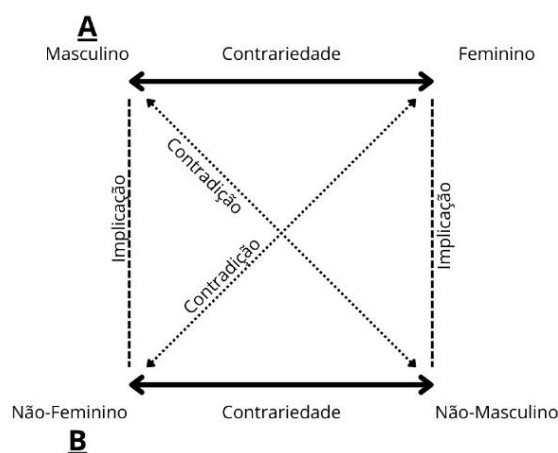
A origem do termo ‘Masculina’ é completamente lesbofóbica e misógina. O patriarcado impõe a feminilidade para todas as mulheres e esta foi criada com o objetivo de agradar o olhar masculino.

A oposição binária masculino-feminino é um constructo da matriz heterossexual que, que posicionaria as diferentes performances de gênero entre os atributos normativos definidos a estes polos. Neste caso, toda pessoa que se enuncia enquanto mulher e não performa a feminilidade compulsória estaria localizada no seu polo oposto, a masculinidade. Pode-se dizer que a estrutura binária da correlação direta entre as categorias de sexo e de gênero promovem esta implicação entre não-

feminilidade e masculinidade. Tal estrutura que controla a significação outorgada às performances divergentes à normas seriam compreendidas, portanto, como um ato de violência contra os corpos *desfem*, e mesmo contra as mulheres em geral. Podemos usar como recurso ilustrativo

dessa estrutura o instrumento delineado por Baggio (2020), a partir de sua leitura do gênero a partir do quadrado semiótico greimasiano, conforme disposto na figura 1:

Figura 1. Quadrado semiótico de gênero elaborado a partir de Baggio (2020).



De acordo com a figura 1, a heterossexualidade compulsória definiria a desfeminilidade como uma aproximação da masculinidade, como indicado pela letra A, como visto no texto F: “*desfem* são constantemente bombardeadas pela ideia de que querem ser homens pelo simples fato de se relacionarem apenas com mulheres e buscarem conforto em seu comportamento e estética”. Enquanto que as autoras dos textos compreendem sua desfeminilidade como uma negação do feminino – indicado pela letra B como visto no Texto F: “Mulheridade não é sinônimo de feminilidade, afinal, a realidade material de uma mulher enquanto pessoa do sexo feminino continuará em curso”. Nesta frase, ao distinguir os termos “mulheridade” e “feminilidade”, a autora desfaz o segundo como uma definição essencial do primeiro, abrindo este para possibilidades de “mulheridades não-femininas”. Conforme as relações de implicação, a expressão de gênero “masculina” implica socialmente a não-feminilidade, entretanto a relação inversa não se repete.

Baggio (2020) compreende que toda a área delimitada pelos eixos da não-feminilidade e da não-masculinidade implica na construção de identidades que

se definem pela negação do gênero, área denominada por ela como a que representa as identidades “agênera”. Nesse campo, haveria um espectro de identidades que se afirmam pela negação, culminando na não-binariedade, uma negação conjunta dos dois polos normatizadores da expressão de gênero socialmente aceita.

Os enunciados analisados recorrem, portanto, a uma posição constante de negação, de modo que se pode compreender a desfeminilidade como uma *performance de gênero que nega os significantes da feminilidade compulsória*. Entretanto, a forma como tal identidade se expressa dá-se pela apropriação de elementos que, na cultura *mainstream*, são associados geralmente à masculinidade: “caminhão”, “cabelo curto”, “roupas largas”. Assim, percebe que a matriz sexual que coordena a inteligibilidade social em termos de gênero atravessa mesmo as performances divergentes, o que se pode compreender pela figura um na relação complementar entre “masculinidade” e “não-feminilidade”.

Tome-se como exemplo o enunciado do texto B: “Normalmente a *desfem* não ganha flores, não é cuidada quando adoece, não é tratada com doçura e sofre pressão heteronormativa para se relacionar com meninas

extremamente femininas”. Percebe-se aí que, mesmo com a tentativa de desnaturalização do binarismo de gênero, o discurso ainda é permeado pela lógica binária, oscilando os significantes entre o que seria considerado masculino ou feminino. Butler (2021) denomina de série de práticas paroxísticas as performances de gênero que rompem a estruturação dominante das categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, visando uma ressignificação da estrutura binária.

Uma das possibilidades analisadas para que mulheres *desfem* ultrapassem a estrutura binária presente é através da negação das posições tradicionais de gênero (Butler, 2018), como pode ser visto no texto C: “Não quero me parecer com um homem e muito menos ser um, eu só me pareço com uma mulher que se recusa a fazer a performance da feminilidade”.

Definindo o sexo, em sua lógica binária, como causa das vivências internas, do comportamento e do desejo do sujeito, oculta-se os objetivos estratégicos de produção de identidades, consideradas como reguladoras sociais que consolidam e naturalizam os regimes de poder mascarados pela opressão masculina (Butler, 2018). Os textos citados, de forma mais ou menos direta, compreendem o gênero enquanto performance socialmente regulada, como pode-se perceber no seguinte trecho:

Uma vez que feminilidade são conjuntos de signos desenhados e pensados por homens para sinalizar a mulher como diferente deles e subjugada a eles, portados para garantir o cumprimento de um mandato: o da acessibilidade sexual da classe, a cooperação com a norma masculina, a fidelidade a homens, para não sofrer violência destes, não ser vista como uma perigosa ‘sapatona’.

Aponta-se aí para a próxima temática apontada no corpus, a relação entre a lesbiandade e a desfeminilidade. Podemos situar as mulheres desfemininas como sendo parte do grupo com o qual se identifica Despentes (2016), aquelas que estão excluídas dos desejos masculinos, sempre invisíveis, mas sempre existentes, às margens da estrutura social justamente por não possuírem os atributos mínimos de desejabilidade impostos pelo patriarcado. Segundo a autora, as performances femininas posicionam-se de modo coerente ou resistente com as imposições do

patriarcado de submissão do feminino ao masculino e, tudo aquilo que fere essa postura é visto como ataque às normas sociais.

Nesse sentido, não-feminilidade e desejo lésbico se convergiriam como uma postura de enfrentamento ao poder patriarcal, tendo em vista que ambos recusam colocar-se como objeto do desejo dos homens. Isso fica claramente expresso no texto A (grifos nossos):

A relação constante entre desfeminilização e lesbiandade evidencia que heterossexualidade e feminilização andam juntas e são indissociáveis (...). No fim a violência que sofrem mulheres caminhoneiras vem por visivelmente darem a *mensagem de rechaço à disponibilidade sexual à homens*.

Tendo em vista que seis dos textos do corpus assumem, pelo menos em parte, uma narrativa em primeira pessoa (textos C, D, E, F, G e I), em que as autoras se colocam como mulheres lésbicas desfeminilizadas, os relatos coloreem as análises com o peso das experiências pessoais de opressão sentidas, a partir da conjunção entre suas expressões de gênero e orientação sexual. O texto F permite compreender como essa articulação se expressa no *corpus*:

Lésbicas *desfem* são constantemente bombardeadas pela ideia de que querem ser homens pelo simples fato de se relacionarem apenas com mulheres e buscarem conforto em seu comportamento e estética. Nesse mesmo pacote podemos citar outros termos preconceituosos como “bofinho”, “Machinha” e o famoso “Joãozinho”. O uso do termo “masculina” é ainda mais problemático, pois causa uma distorção do que realmente significa masculinidade. Uma mulher jamais poderá ser masculina, afinal, esse é um instrumento de poder patriarcal. Assim, quando se pensa sobre o feminismo como conceito e como prática, é importante destacar o que Harding (2019) diz sobre este como uma teoria totalizante, ou seja, em aspectos relacionados a gênero e mais especificamente sobre expressões de gênero, mulheres *desfems* não devem ser compreendidas somente a partir de um esquema disciplinar singular, mas como integrante de uma teoria que se permita construir as expressões de gênero com pressupostos de uma ciência moderna. Assim, pode se destacar que pouco é visto no *corpus* analisado sobre uma luta coletiva por suas performances, e sim

observado a violência sofrida por essas mulheres, sendo o lesbocídio sua principal fonte de violência em coletivo.

O uso de termos “bofinho” e “Joãozinho” usa o diminutivo de palavras geralmente masculinas para referenciar essas mulheres que “querer ser homens, mas nunca serão”. O mesmo efeito é propiciado pelo uso, no feminino, de termos referentes à masculinidade, como “machinha” e “masculina”. Ou seja, há uma relação parafrásica entre os termos, e entre os mecanismos que delimitam a diferença entre aqueles que podem e não podem acessar a masculinidade. Assim, a compreensão da desfeminilidade é dada pela marca de oposição ao masculino (segundo a figura 1, a posição A), mas sua opressão é significada pela impossibilidade de acesso a masculinidade imaginariamente desejada por essas mulheres. Dado que a maior parte das autoras fala da posição de mulheres lésbicas desfeminilizadas, elas não abordam a distinção entre as categorias de expressão de gênero e de orientação sexual, mas também não a negam.

A relação entre expressão e orientação fica mais enfatizada nos textos quando estes abordam a temática da opressão sofrida por essas mulheres, como pode ser percebida no texto D:

Estou cansada de entrar no banheiro feminino e ser barrada por seguranças, ou de receber olhares incrédulos e assustados.

Me lembro até hoje de uma agressão que sofri de um homem gay simplesmente porque ele achava que eu era um homem querendo usar o banheiro feminino. Acho que de todos os episódios de agressões e violências, esse foi o que mais me doeu. Até então, eu não acreditava que uma pessoa do mesmo movimento que o meu poderia ser tão agressiva comigo, ao ponto de a minha boca sangrar.

O texto D é interessante pois a autora relata sua experiência de ter sido violentada por uma pessoa que se define como homem gay. Enquanto lésbica, ela percebe que, ao ter uma performance *desfem*, sofre preconceito de indivíduos que compartilha com ela a posição de serem parte de um grupo excluído das normas sociais de gênero e de sexualidade (LGBTQIAP+). Ao ressaltar no texto “Ele fez questão de dizer que era gay antes de me bater”, ela demarca como sua expressão de gênero a coloca em

uma situação de opressão mais específica. Ao performar a desfeminilidade como uma postura na qual “provamos diariamente que não estamos aqui pra agradar os homens, e que acima de tudo, não precisamos deles” (texto D), as autoras justificam a intensidade da opressão que sofrem da sociedade.

Sendo assim, os efeitos da agência de mulheres *desfem*, mesmo atravessados pelas próprias relações de poder com quem se destina a rivalizar, se constrói na articulação direta com as formas socialmente codificadas do masculino e do feminino, como presente no texto D:

Quero ter a liberdade de ser uma mulher que se relaciona afetivo-sexualmente com outras. E eu não quero ser lida como um homem por isso! Eu não quero ser chamada de “senhor”, ou ter medo de entrar no banheiro ao qual eu tenho direito. Eu não quero andar na rua com medo de sofrer estupro corretivo para me tornar uma ‘mulher de verdade’.

Na construção da ideia de desfeminilidade, as autoras, partindo na maioria de sua orientação homossexual, resistem à matriz heterossexual, que traduz suas vivências como uma “impossível masculinidade desejada”, através de uma negação consistente tanto da feminilidade quanto da masculinidade. Entretanto, suas expressões ainda estão perpassadas pelas codificações sociais que distribuem os artefatos culturais, comportamentos, moda, linguagem, entre outros, como elementos generificados binariamente. Assim, apesar de sua performance posicionar-se enquanto resistência, sua reflexão ainda reflete em parte a binariedade que constitui nossa matriz de inteligibilidade ocidental.

CONCLUSÃO

Este artigo apresentou formações discursivas que atuam na produção dos discursos sobre a desfeminilidade, no contexto da internet, e como o termo *desfem* produz sentidos dentro do campo no qual ele está implicado. Pretendeu-se diante da lacuna de discussão em meios acadêmicos a tentativa exploratória de iniciar uma perspectiva sobre as formas de subjetivação em performance de mulheres que se consideram *desfem*, assim como, compreender as narrativas subjetivas da violência de expressão de gênero não condizentes com o

padrão estabelecido por uma sociedade patriarcal.

Considerando que as manifestações de sexualidade e de gênero se fazem a partir e nas brechas das articulações semióticas que estruturam as compreensões e as práticas, é a partir dos pares binários masculino e feminino que se pode compreender mais precisamente como as diversas formas de expressão são generificadas, sejam elas polarizadas ou distanciadas desta oposição. Toda manifestação que também questiona a binariedade, em termos de gênero e de orientação sexual, parte da mesma como forma de resistência, de modo que se

justifica a utilização desses conceitos como eixos binários de base para a compreensão dos efeitos de significação produzidos pelos discursos.

Por fim, fica-se a reflexão da importância da compreensão das performances pelo campo da Psicologia, para que paradigmas para além da lógica binária, como a performance de mulheres que não propagam a feminilidade possam ser compreendidas e trabalhadas no amparo e cuidado com demandas de violência, como as sofridas por mulheres *desfem*, visto a lógica estigmatizante que elas enfrentam diante da sociedade.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, A. T. Operação semiótica da categoria gênero: proposta de um modelo teórico-metodológico. *Galáxia* (São Paulo), n. 45, p. 223–239, set. 2020.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. *Sujeito & História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

DA COSTA LIMA, D.W.; VIEIRA, A. N.; GOMES, A. M. T.; SILVEIRA, L. C. Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. *Revista enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, 2017; 25: e12913.

DESPENTES, V. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ELLA. Ser uma lésbica desfeminilizada é ser odiada por todos os lados, e eu estou exausta. *Medium*, 2020. Disponível em: <https://medium.com/@ellamouras/ser-uma-l%C3%A9sbica-desfeminilizada-%C3%A9-ser-odiada-por-todos-os-lados-e-eu-estou-exausta-23a83f0372ac>.

FERREIRA, F. G. Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte. *Revista bibliocom*, São Paulo, 2012.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2014.

FURTADO, R. N. & CAMILO, J. A. de O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. *Revista Subjetividades*, 16 (3): 34-44, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n3/03.pdf>.

GOUVEIA, N. O tabu da rejeição às normas de beleza – um elogio às desfeminilizadas. *Gfeminista*, 2020. Disponível em: <https://qgfeminista.org/o-tabu-da-rejeicao-as-normas-de-beleza/>.

GUIMARÃES, M. Pareço homem para você?. *Canto Baobá*, 2021. Disponível em: <https://www.cantobaoba.com.br/post/pare%C3%A7o-homem-para-voc%C3%AA>.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 96-122). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LÉSBICA, M. O ódio a corpos Femininos não-Feminilizados no contexto do Neoliberalismo Sexual contemporâneo. *Medium*, 2021. Disponível em: <https://memorialesbica.medium.com/o-%C3%B3dio-a-corpos-femininos-n%C3%A3o-feminilizados-no-contexto-do-neoliberalismo-sexual-contempor%C3%A2neo-a8ea741f3560>.

LIMA, D. W. da C.; VIEIRA, A. N.; GOMES, A. M. T.; SILVEIRA, L. C. Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 25, p. e12913, 2017. DOI: 10.12957/reuerj.2017.12913. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/12913>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Rio de Janeiro: Grupo Autêntica, 2018. E-book.

NOTH, W.; SANTAELLA, L. Introdução à semiótica. São Paulo: Paulus, 2017.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios & procedimentos. Campinas (SP): Pontes, 11.ed, 2013.

PALMA, G. O aprisionamento social das lésbicas desfeminilizadas. *iBahia*, 2023. Disponível em: <https://www.ibahia.com/colunistas/educacao-xualse/o-aprisionamento-social-das-lesbicas-desfeminilizadas-309584>.

POGREBIHSCHI, T. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. *Lua nova*, nº 63, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/p735HN4hVHwqvYYhZZQ54Pw/?format=pdf&lang=pt>.

SANTOS, A. A realidade da lésbica desfem no mercado de trabalho. *Espaço do povo*, 2023.

SANTOS, A. Eu não sou masculina! termos preconceituosos que so reforçam a lesbomisoginia. *Espaço do povo*, 2023. Disponível em: <https://espacodopovo.com.br/artigo/eu-nao-sou-masculina-terminos-preconceituosos-que-so-reforcam-a-lesbomisoginia/>.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99, 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>.

SILVA, L. Não Feminilidade não me faz menos mulher. *Quilombo Cibernético*, 2019. Disponível em: <https://quilombocibernetico.home.blog/2019/02/15/nao-feminilidade-nao-me-faz-menos-mulher/>.

SOUZA, C. D. *et al.* Violência contra mulheres lésbicas/bissexuais e vulnerabilidade em saúde: revisão da literatura. *Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde*, 22(2), 437-453, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/76556aa4-561b-47f8-adac-4da420f79032/003094650.pdf>.

VALE, L. Como o efeito da (des)feminilidade nos atinge. *LesB Saúde*, 2022. Disponível em: <https://lesbout.com.br/lesb-saude-como-o-efeito-da-desfeminilidade-nos-a>.